

Rogacionistas do Coração de Jesus
Filhas do Divino Zelo

SANTO ANÍBAL M. DI FRANCA
AS VOCAÇÕES
PAIXÃO DE UMA VIDA

Roma

Introdução

“A questão das vocações sacerdotais e religiosas – tanto masculinas, como femininas – é fundamental na Igreja. Uma espécie de termômetro de sua vitalidade espiritual e existencial. Condição, também, para a sua missão e o seu desenvolvimento”.¹ Com estas palavras, João Paulo II, na homilia de 10 de maio de 1981, concluía o II Congresso Internacional das Vocações. Uma convicção que, muito tempo antes, estimulou Santo Aníbal Maria Di Francia a entregar toda a sua vida pela causa das vocações. Ele escrevia:

“Imaginemos por um instante que o sacerdócio, como um sol que se põe, não nascesse mais. Todo o mundo não ficaria nas trevas? Onde encontrar o culto a Deus, os Sacramentos, a Santíssima Eucaristia, a Palavra de Deus, a Fé, a Caridade? Tudo pereceria. Imaginemos por um instante o contrário, isto é, a terra abundante de eleitos ministros de Deus, sacerdotes numerosos e santos - tão numerosos que correspondessem a 1% dos habitantes do mundo, de tal modo santos a ponto de se igualarem aos antigos apóstolos - não seria

¹ L'Osservatore Romano, *Homilia*, 10/05/1981.

esta a surpreendente saúde e felicidade de todos, ninguém excluído? Imperscrutáveis juízos de Deus! O Altíssimo quis ligar a abundância dos dignos operários da mística messe à oração para obtê-la! Ele deu um mandamento aos apóstolos e aos discípulos, e o repetiu mais vezes dizendo: *a messe é grande e os operários são poucos: rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe*. Nesta divina Palavra ‘pronunciada’ por Jesus Cristo encontramos todo o bem à Santa Igreja, à sociedade e às pessoas”.²

Esta divina Palavra foi a motivação da obra de Santo Aníbal, que colocava em evidência o primado da oração para obter as vocações. Ele assim escreveu ao então bispo de Parma, Dom Conforti: “Demos atenção àquele ‘pois’ (*rogai, pois, ao Senhor da messe...*). Ele não disse: trabalhai, *pois*, para formar sacerdotes; recolhei, *pois*, dinheiro etc., mas disse: *rogai, pois!* O que podemos esperar de bom com todos os nossos esforços se ignoramos o grande remédio indicado por Nosso Senhor Jesus Cristo?”.³ Por ser uma pessoa com visão prática, Santo Aníbal solicitava que se unissem a *ação* com a *oração* para assim alcançar o efeito desejado:

“Observemos que na ordem estabelecida pela providência, ação e oração devem andar unidas para produzir os devidos efeitos. Rezar ao Senhor para que envie os bons operários evangélicos à Igreja e, depois, não fazer o que se pode e o que se deve, torna a oração vã. Do mesmo modo, trabalhar pela formação dos sacerdotes e não acompanhá-los com a oração, é obra perdida. Querer formá-los sem pedi-los ao Senhor, é reduzir a formação em um cultivo artificial de clérigos. A graça das vocações desce do alto e não provém se não as pedimos”.⁴

² *Escritos*, vol. 3, p. 59; *Escritos*, vol. 2, p. 305-306.

³ *Escritos*, vol. 29, p. 89.

⁴ *Escritos*, vol. 3, p. 40.

À luz destas breves reflexões introdutórias podemos sintetizar o perfil espiritual de Santo Aníbal Maria Di Francia: a insuficiência de vocações foi sua inquietação; animar as vocações foi sua paixão; a propagação da oração pelas vocações foi sua grande preocupação.

O Dia Mundial de Oração pelas Vocações

O convite de Jesus, *rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe* (Mt 9,38; Lc 10,2) – acolhido principalmente sob a forma de oração pela santificação do clero desde 1920 – encontra-se em diversos escritos de importantes personalidades da Igreja, de um extremo a outro do mundo católico. Sobre isto, existe manifestação também do magistério pontifício, que tem aumentado o convite para se rezar pelas vocações. Já Pio XI, na Encíclica *Ad Catholici Sacerdotii*, enfatizava a necessidade de se recorrer ao recurso da oração para se obter o dom das vocações.⁵

Quem, todavia, assumiu no seu coração o tema vocacional, de onde mais tarde originou o fruto *montiniano* do Dia Mundial de Oração pelas Vocações, foi Pio XII. Este, no início do pontificado, com o *Motu Proprio Cum Nobis*, em 04 novembro de 1941 constituía a *Pontifícia Obra para as Vocações Eclesiásticas*. A ela confiava o compromisso de promover a oração pelas vocações sacerdotais em todas as

⁵ AAS 28 (1935), 37-52. O próprio Pontífice havia abordado o problema também na Carta Apostólica “*Officiorum omnium*”, de 01/08/1922 (AAS 14 [1922], 449 ss.); e em outra correspondência (cf. AAS 15 [1923], 348-349; 19 [1927], 135); *Mensagens pontificias para a Jornada Mundial*, cit., 8.

partes do mundo.⁶ Depois, com a *Exortação Apostólica Menti Nostrae*, em 23 de setembro de 1950, convidava os bispos a se ocuparem da questão vocacional na realidade local, ciente de que tal preocupação estava “intimamente ligada ao futuro da Igreja”. E exortava os fiéis à oração humilde e confiante, indicada por Jesus (Lc 10,2) como o “caminho mais seguro para se obter numerosas vocações”.⁷

Neste caminho trilhou o Bem-aventurado João XXIII, que, além de numerosas intervenções sobre o assunto das vocações, servindo-se da *Pontifícia Obra para as Vocações Eclesiásticas*, solicitou a instituição, na Itália, do “Dia Nacional pelas Vocações Eclesiásticas”.⁸ O sonho do papa era o de ampliar a proposta às diversas Conferências Episcopais para que se chegasse a uma concordância de iniciativas no mundo cristão, o que tomou uma forma unitária com seu sucessor.

De fato, depois de apenas sete meses de pontificado, o papa Paulo VI, no sábado, 11 de abril de 1964, vigília do segundo domingo da Páscoa, na época o Domingo do Bom Pastor, dirigiu-se aos fiéis de todo o mundo com uma radiomensagem. Dizia:

“*Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários para a sua Igreja* (cf. Mt 9,38). [...] Brote da alma a aflita invocação ao Senhor, segundo o convite de Cristo. Sim, hoje como naquele tempo, *a messe é abundante, mas os operários são poucos* (Mt 9,37). [...] Neste domingo, que na Liturgia Romana toma do Evangelho o nome

⁶ AAS 33 (1941), n. 13, p. 479.

⁷ AAS 42 (1950), 617-702. Cf. também a Encíclica “*Mystici Corporis*”, de 29/06/1943 (AAS 35 [1943], 242).

⁸ Cf. Dompieri G., *Jornadas sacerdotais, pelas vocações, pelo Seminário, Experiências sobre as vocações eclesásticas*, in *Seminarium* 12, 1 (1961), 96-102; Idem, *Jornadas diocesanas e paroquiais, Experiências sobre as vocações eclesásticas. Primeiro Congresso nacional italiano*, in *Seminarium* 12, 2 (1961), 275-280. A iniciativa se repete regularmente também em 1962 e 1963, cf. também *Celebrações da Segunda Jornada nacional pelas Vocações na Itália, Pontifícia Obra pelas Vocações*, in *Seminarium* 15, 2 (1963), 305-308.

de *Bom Pastor*, se unam num único anseio de oração as fileiras generosas dos católicos de todo o mundo para invocar do Senhor os operários necessários para a sua messe. E para que este *Dia Mundial de Oração pelas Vocações Sacerdotais e Religiosas* tenha aquele ecoar merecido, desejamos dirigir a nossa palavra de estímulo a todos os nossos filhos diletíssimos, a fim de que nenhum falte a um dever tão grave e de tanta responsabilidade”.⁹

Segundo opiniões de confiáveis estudiosos de Paulo VI, o único motivo que impulsionou o papa em tomar tal iniciativa não foi outro senão a concretização de um apelo ao longo de sua vida, desde os anos em que trabalhou na Secretaria de Estado (1937-1954) e que se intensificou no período em foi arcebispo de Milão (1955-1963). Certamente, as informações que lhe chegavam sobre a questão vocacional eram desanimadoras. Com a instituição de um Dia Mundial, Paulo VI ponderava não tocar apenas o problema, mas evidenciá-lo de modo permanente. Não se pode ignorar o fato de que a iniciativa surgia em pleno clima conciliar, depois da promulgação da Constituição sobre a Liturgia *Sacrosanctum Concilium*, que colocava a oração litúrgica como centro da vida cristã.

O primeiro Dia Mundial de Oração pelas Vocações foi celebrado em 12 de abril de 1964. Mesmo carregado de sentido teológico, não teve grande ressonância e, até, para muitas comunidades cristãs, passou despercebido. Progressivamente, nos anos sucessivos, graças à ação incisiva de algumas Congregações Religiosas – entre as quais os Rogacionistas e as Filhas do Divino Zelo – foi se fortalecendo, inserindo-se de maneira relevante na atividade pastoral da Igreja católica.

O Dia Mundial de Oração pelas Vocações deve ser considerado, sem dúvida, uma primazia do Pontificado *montiniano*, cume de um percurso do magistério iniciado há vários anos.

⁹ *Ensinamentos de Paulo VI*, II, Cidade do Vaticano, LEV, 1964, 240-242.

Importância de Santo Aníbal Maria Di Francia

Depois desta breve síntese é apropriado se perguntar qual a influência e o compromisso de Santo Aníbal Maria Di Francia (1851-1927), visto que outros expoentes do mundo eclesiástico e do magistério enfrentaram a questão das vocações tendo como base o convite-mandamento de Jesus: “A messe é grande e os operários são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe.”

Afirmamos que o grande mérito de Santo Aníbal foi ter “descoberto” e dedicado toda a sua vida na difusão deste convite-mandamento do Senhor. Porém, em certo sentido, ainda que tenha alcançado boa ressonância, não teve a consideração adequada aos seus esforços. Houve, inclusive, quem não compreendesse as suas intenções! É o que acontece normalmente com aqueles que na vida ultrapassam o próprio tempo. Anos depois de sua morte, o papa João Paulo II reconheceu que “da providencial intuição de Padre Aníbal Maria Di Francia surgiu na Igreja um grande movimento de oração pelas vocações”.¹⁰

A tal propósito, numa alocução em 16 de maio de 1997, o mesmo papa acentuou uma particularidade:

¹⁰ L'Osservatore Romano, *Homilia para a Canonização*, 16/05/2004.

“Não é sem uma providencial coincidência que em 16 de maio de 1897, data em que há cem anos os três primeiros jovens atraídos pelo Bem-aventurado Aníbal Di Francia entraram no noviciado, fosse exatamente o IV Domingo de Páscoa, o *Domingo do Bom Pastor*. Neste mesmo domingo o Servo de Deus, Paulo VI, meu venerado predecessor, instituiu o *Dia Mundial de Oração pelas Vocações*”.¹¹

O mesmo Pontífice o incluiu, primeiramente, no álbum dos Bem-aventurados, definindo-o como “autêntico antecipador e mestre zeloso da moderna pastoral vocacional”,¹² e, depois, canonizou-o, conferindo-lhe o merecido título de “insigne apóstolo da oração pelas vocações”,¹³ título incluído na Missa Própria do santo.

Uma inspiração irresistível

Vejam quando e como Santo Aníbal Maria Di Francia “descobriu” no evangelho esta indicação do Senhor. Isto aconteceu quando ele não era sacerdote, nem ainda seminarista e nem ao menos tinha consciência de sua vocação específica. Para alcançar inteiramente a importância deste fato é necessário compreender o acontecido no dinamismo de sua vida.

Nascido em Messina, no ano de 1851, o jovem Aníbal viveu os tempos de nascimento da Itália unificada, evento este que cobrou um enorme preço de sangue e de conflitos. Garibaldi conquistava os Reinos da Sicília e de Nápoles quando o Colégio São Nicolau, onde o pequeno Aníbal estudava, foi fechado. Com a sua família precisou se transferir para Nápoles na casa de sua avó. Seu mundo estava se distorcendo. Aníbal presenciou sacerdotes e frades, que, depondo o hábito clerical, com fuzil em punho, participavam dos movimentos revolucionários.

Criado o novo Reino da Itália, pensou-se em enviá-lo a uma Academia Militar, com o objetivo de prepará-lo para a carreira militar. Felizmente compreendeu-se a tempo que ele não tinha inclinação para tal ofício.

¹¹ *Ensinamentos*, XIII, 2 (1990), 830.

¹² *L'Osservatore Romano*, 8-9/10/1990. A beatificação de Aníbal Maria Di Francia deu-se em 07/10/1990 enquanto se celebrava o Sínodo dos Bispos com o tema “A formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais”, que levou à exortação apostólica *Pastores dabo vobis*, de 1992.

¹³ *L'Osservatore Romano*, *Homilia para a Canonização*, 16/05/2004.

Aníbal estava envolvido, como tantos adolescentes, em um turbilhão de ideias. Quando ia à Igreja – ele preferia a tranquilidade do convento de Porto Salvo – sentia-se atraído pelo silêncio e, depois de um certo tempo, era assaltado pela inquietação. Olhando uma estátua de um santo e depois de outro, admirando os afrescos e ouvindo as histórias daqueles heróis, afirmava: “jamais poderei ser um santo, porque a santidade é por demais elevada”.

As Igrejas e os conventos estavam se esvaziando e a fé, em alguns aspectos, era perseguida. Os diferentes interesses e a política haviam tornado o clero pouco exemplar. Era necessário, portanto, uma renovação com sacerdotes que revitalizassem e repropusessem a grandeza da fé, mas estes deviam ser santos. E qual era o meio? O seu confessor havia lhe ensinado a rezar. E assim Aníbal principiou a intuir que somente com a oração se poderia alcançar o objetivo de se obter vocações.

Nesta fase de intensa atividade interior ocorreu um fato particular que marcou toda a sua vida. Como narra, em terceira pessoa, o próprio Santo Aníbal, certo dia estava na Igreja de São João de Malta, em Messina e:

“veio à sua mente este pensamento dominante, que para se realizar o maior bem na Santa Igreja, para salvar muitas pessoas, para estender o Reino de Deus sobre a terra, nenhum outro meio é tão garantido quanto o de aumentar o número de ministros eleitos de Deus, [...] e que a melhor e a mais proveitosa das orações seria a de se pedir insistentemente ao Sagrado Coração de Jesus que mandasse sobre a terra homens santos e sacerdotes eleitos. Esta ideia lhe parecia muito clara e indiscutível. Depois disso, ficou surpreso e convencido ao ler no evangelho as divinas palavras: ‘A messe é grande, mas os operários são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe’”.¹⁴

¹⁴ *Escritos*, vol. 2, 143.

Santo Aníbal ficou admirado porque, até aquele momento, nenhum dos grandes pregadores que conhecia e nenhum dos numerosos manuais de oração que utilizara, tivessem feito aceno ao que Jesus havia constatado e indicando claramente.

Esta intuição-inspiração que lhe veio “no início de sua caminhada espiritual”, quando ainda não amadurecera a vocação ao sacerdócio, foi considerada “como uma voz interna que lhe era dirigida para se fazer apóstolo e propagador”, escreveu o seu biógrafo e sucessor Pe. Francesco Vitale.¹⁵

¹⁵ Vitale, 42, 43.

Zelo ou fixação?

Padre Aníbal era consciente de sua inquietação em chamar a atenção do mundo cristão para a questão vocacional. Com certo grau de ironia, escreveu no seu *discurso fúnebre*: “Quanto ao *Rogate* nada precisamos dizer: a ele se dedicou por zelo ou por fixação, ou talvez por ambos”.¹⁶ Um dos teólogos que analisou os seus escritos, no processo de canonização, assim se expressou:

“Aqui, como em outros textos, percebe-se a sua exagerada modéstia: não foi por fixação, foi por zelo. Ele foi de tal modo tomado pela necessidade da Igreja em ter numerosos e dignos operários e da eficácia do remédio evangélico para alcançá-los que, ao colocar em prática, moveu, assim se pode dizer, céus e terra. Tal argumento foi a razão de sua vida, a nota dominante de seus escritos e a característica da sua obra. A tal propósito ousou buscar a bênção, a adesão e a colaboração espiritual dos Prelados da Santa Igreja (sumos pontífices, cardeais, bispos, superiores gerais de ordens e congregações religiosas)”.¹⁷

¹⁶ Vitale, 759.

¹⁷ *Positio super Scriptis*, Roma, 1959, 30; Tusino, MB, I, 544.

Aquilo que Jesus disse foi, definitivamente, o programa que inspirou a sua vida e a sua atividade beneficente ao próximo. Oração e caridade constituíram o binômio sobre o qual se concentrou a própria existência. Mas como fazer que os outros entendessem esta importância? Falando, escrevendo e agindo sempre. E o fez de tal modo que mesmo depois de tanto tempo suas palavras e suas ações soam com surpreendente atualidade.

Não se limitou a isso. Depois do desastroso terremoto de Messina de 28 de dezembro de 1908, quando o papa Pio X lhe doou uma capela de madeira, fez escrever e colocar na fachada: “*Rogate Dominum messis*”. Foi a primeira igreja dedicada à oração pelas vocações. Era 1º de julho de 1910. Este escopo foi verdadeiramente alcançado quando, em 03 de abril de 1921, colocou a primeira pedra da nova igreja, o Templo da Rogação Evangélica,¹⁸ atual basílica menor em Messina. Para este edifício estudou o programa iconográfico e cada detalhe a fim de que se tornasse modelo de referência para quem quisesse dedicar uma igreja ao divino mandamento: o Rogate.

¹⁸ Cf. Vitale, 483-485.

A realização

Em 19 de março de 1887, com o ingresso no noviciado de quatro jovens, Padre Aníbal iniciou a sua Congregação feminina. Chamadas provisoriamente de “Pobrezinhas do Coração de Jesus”, idealizara para elas o emblema com o Sagrado Coração contornado pelos dizeres: “Rogate Dominum messis”. Não é raro que o Senhor destine aos fundadores tantas provas e algumas cruces específicas, vivas e amargas, como a da incompreensão por parte de alguns bispos. Este é um dos meios prediletos da Providência para aperfeiçoar-lhes nas virtudes.

Santo Aníbal considerou um profundo sofrimento o de não ter obtido a confiança do seu ordinário, Dom Letterio D’Arrigo Ramondini, sucessor do cardeal Giuseppe Guarino, no pastoreio da arquidiocese de Messina (1898-1922). O ano de 1897 foi extremamente duro, a sua atividade caritativa e pastoral estava para se dissolver. A fé o sustentava, mas havia uma aflição:

“Quando os nossos empreendimentos vão por água abaixo, nada mais resta senão o conforto da resignação à Vontade Divina, que faz bem todas as coisas, ainda que não compreendamos. Mas, no meu caso, havia uma circunstância que

tornava o cálice ainda mais amargo. O dever de me resignar a ver perder-se o germe de uma Obra consagrada ao santíssimo propósito do celeste mandamento: *Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam*; o dever fechar este sacrossanto estandarte no qual resplandece uma das mais ternas expressões do Sagrado Coração de Jesus e ao qual pode estar ligada a saúde das almas por um caminho mais curto e mais seguro”.¹⁹

a. A ideia-recurso

Mas 1897 foi um ano crítico e, ao mesmo tempo, fecundo. Constituiu ocasião para aquela que será uma feliz descoberta. Deixemos que o próprio Aníbal narre:

“A realidade presente estava sempre mais difícil, complexa e desanimadora. Quando eis que uma bela ideia – que a chamaremos *ideia-recurso* – soou determinante na mente do sacerdote iniciador.²⁰ Ela era filha de uma *grande Palavra do Evangelho*, de uma *ideia* ainda maior, mais sublime, que o Espírito – que sopra onde quer – parece ter inspirado muitos anos antes que se iniciasse a Pia Obra, na sua juventude espiritual. A intitulamos *revelação evangélica, ideia divina* (não seria humildade diminuí-la), a qual despertou e acompanhou o mísero sacerdote iniciador na difícil tarefa, e que consideramos como que a base sobre a qual surge a Pia Obra”.

Foi esta a *ideia-recurso*, filha do *Rogate*. Mas a quem podia interessar esta ideia? Padre Aníbal ponderou nestes termos:

¹⁹ *Preciosas Adesões* (ed. 1901), Introdução, 8-9. Referências sobre diversos extratos das Introduções às diversas edições das *Preciosas Adesões*, sobretudo aquelas de 1901 e 1919.

²⁰ Assim se define por humildade, exprimindo-se em terceira pessoa.

“Se existem pessoas no mundo a quem mais interessa a divina Palavra: *Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe*, são os bispos. Esses, de modo especial, sentem a necessidade de sacerdotes [...]. Eles têm os seminaristas, dos quais se formam os clérigos, e desejam imensamente que estes se tornem sacerdotes escolhidos. Não poderão jamais sê-lo se aos meios utilizados – junto ao cansaço, cursos e esforços – não for unida a oração incessante indicada por Jesus Cristo [...]. Se tal oração for ignorada, se tal ensinamento for desconsiderado, todo o esforço dos pobres bispos e dos reitores de seminários serão reduzidos a uma formação artificial de padres. [...] Os bispos, portanto, não deixarão de assumir nos seus corações esta Pia Obra. Se eu lhes pedir uma ajuda eficaz, não me negarão. Mas que ajuda? [...]. Eu lhes suplicarei uma *participação simplesmente espiritual de orações e de bênçãos durante a ação mais solene da nossa santa religião, isto é, no grande Sacrifício da Santa Missa*”.

b. *A Sagrada Aliança*

Santo Aníbal Maria Di Francia, ao colocar suas palavras em prática, enviou uma carta circular de convite a vários bispos da Sicília. Os primeiros a responder foram dois irmãos: João, bispo de Noto, em 22 de novembro de 1897, e Gaetano, bispo de Agrigento, em 16 de janeiro de 1898. Por isso, a data de 22 de novembro de 1897 foi reconhecida, posteriormente, como o início da *Sagrada Aliança Sacerdotal*. Dom Genuardi Gerlando, bispo de Acireale, chamou a esta missa, *Missa Apostólica*, definição que agradou tanto a Padre Aníbal que escreveu: “nós adotamos esta bela denominação”.

Recebida a adesão de 12 bispos da Sicília, Padre Aníbal ponderou em estender o convite da *Missa Apostólica* aos

bispos da península italiana e aos cardeais. Além disso, tendo notado uma boa receptividade, considerou útil reunir e publicar as cartas de adesão em um fascículo que intitulou *Preciosas Adesões*, antepondo um longo prefácio sobre a origem da Obra e as motivações da piedosa prática. Isto em 14 de outubro de 1900.

c. *A Pia União da Rogação Evangélica*

A *Sagrada Aliança* devia atrair a atenção da Hierarquia e dos sacerdotes sobre o Divino Mandamento de Jesus de rezar pelas vocações. Mas, para Santo Aníbal, constituía também um “dever de cada cristão”, em especial aos fiéis piedosos e devotos e aos consagrados. Com este fim, fundou a *Pia União da Rogação Evangélica do Coração de Jesus*, oficializada com o decreto do arcebispo Dom Letterio D’Arrigo, em 08 de dezembro de 1900, tendo como sede o oratório da Casa Mãe dos Rogacionistas, em Messina.

Padre Aníbal, agora com a colaboração dos seus Institutos, procurou ao máximo possível difundir e promover a Pia União em várias dioceses. Os bispos, respaldados pela aprovação do Ordinário messinense, não se opuseram em introduzi-la em suas dioceses, de modo que a *Pia União* se difundiu na Itália, em outros lugares da Europa e na América.

A bela jaculatória, “Senhor da mística messe, enviai operários à vossa messe”, e uma das mais belas orações compostas por Padre Aníbal, “Coração compassivo de Jesus”, foram traduzidas para o polonês pela nobre senhora Maria Iastrzebska, em 1896, e, em seguida, para o alemão, pelo sacerdote Stefano Leone Skibnierski. O livro completo de orações para obter as vocações foi traduzido em francês “por um santo ancião da Catedral de Amiens”, o Cônego Joseph De Brandt, por ocasião do Ano Santo de 1900.

Naturalmente, Padre Aníbal pensou num folheto de propaganda. Em 26 de junho de 1908, festa do Sagrado Coração de Jesus, lançou o periódico *Deus e o Próximo*,

como um órgão da *Pia União da Rogação Evangélica*, da *Sagrada Aliança* e do *Pão de Santo Antônio*. Este meio facilitava a ligação entre as diversas das sedes secundárias da Pia União, despertando zeladores entre os colaboradores e os leitores.

No entanto, Santo Aníbal Maria Di Francia sabia que para conseguir a verdadeira universalidade era necessário que o Sumo Pontífice assumisse o empreendimento com um ato oficial. Começou, então, a trabalhar em tal sentido.

Os “operários da messe”

Apaixonado, entusiasta e grato ao Senhor pela sua vocação, Santo Aníbal procurou por todos os meios promover, sobretudo, as vocações sacerdotais e de especial consagração. “Pedir operários para a Santa Igreja – escreveu – quer dizer, em primeiro lugar, pedir ao Senhor os sacerdotes segundo o seu coração. Em segundo lugar, os homens e mulheres religiosos e religiosas”. Com o passar do tempo, ele ampliou o conceito e afirmava que operários da messe do Senhor são todos os cristãos chamados a se colocar na escuta do projeto de Deus sobre a própria vida. Assim escrevia:

“A divina Palavra é sempre uma sublime síntese que encerra inumeráveis mistérios e da qual se podem obter múltiplas e salutares aplicações. O divino *Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe*, não deve ser considerado apenas em relação aos sacerdotes, mas também a quantos o Altíssimo impulsiona com sua graça em realizar um bem na sua Igreja, na grande messe da humanidade. Existem aqueles que semeiam e aqueles que colhem, aqueles que regam com as lágrimas e a semente germina, aqueles que retornam jubilosos com os frutos recolhidos, aqueles que separam o grão da palha,

aqueles que o conservam no celeiro, aqueles que o distribuem. Assim também na formação da saúde eterna das almas existem diversos agentes em diversos níveis e classes sociais”.²¹

De modo particular sublinhava a importância da vocação dos governantes, dos educadores, dos professores e, sobretudo, dos pais: “Esta Oração é importante também para que o bom Deus conceda luzes e graças especiais aos pais que têm nas mãos a grande messe das futuras gerações, para que saibam edificar seus filhos com o bom exemplo, saibam mantê-los distante dos perigos, enriqueçam-lhes com a santa educação e alcancem bom êxito diante de Deus que para isso lhes confiou”.²²

Enfim, é necessário recordar que a pedagogia vocacional de Padre Aníbal Maria Di Francia destacava o compromisso pessoal de quem reza pelas vocações. Ele dizia que aqueles que rezam para obter vocações à Igreja devem ser os primeiros a empenhar-se por “agir como bons operários da messe”.²³ É evidente que rezar a Deus para obter as vocações interpela pessoalmente quem reza. Este pode e deve, antes de tudo, colocar-se à disposição de Deus. De tal modo cada pessoa que reza pelas vocações deve se tornar a resposta e o fruto imediato de tal oração.

²¹ *Escritos*, vol. 43, p. 111.

²² *Escritos*, vol. 43, p. 112.

²³ Cf. *Escritos*, vol. 52, p. 33.

Os pedidos aos papas

Leão XIII

Em 13 de junho de 1884, Padre Aníbal endereçou uma carta a Leão XIII, na qual, depois de haver descrito o seu apostolado entre os pobres e os órfãos, continuava dizendo:

“Ao mesmo tempo apresento à Sua Santidade uma oração que a comunidade das crianças recita diariamente para implorar do Sumo Deus os bons operários à Santa Igreja, conforme a palavra santíssima de Jesus Cristo Senhor Nosso: *Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam* [Mt 9, 38; Lc 10, 2]. Suplico à Vossa Santidade, se achar conveniente, conceder indulgências plenárias a quem recitar a referida Oração”.

O Secretário de Estado, Cardeal Mariano Rampolla del Tindaro, lhe respondeu: “Sua Santidade, lida a carta, não pode deixar de se comprazer pelas obras de caridade que o senhor iniciou e promoveu, e lhes envia os merecidos louvores, animando-a a prosseguir na sua realização”.

Encaminhada a *Sagrada Aliança* e publicado o opúsculo das *Preciosas Adesões* e o das orações pelas vocações, em 13 de junho de 1901, Padre Aníbal considerou propício o tempo de levar em frente o pedido. Dirigiu-se ao Cardeal Mariano Rampolla, Secretário de Estado, pedindo-lhe que intercedesse junto a Leão XIII a fim de conseguir uma carta papal de bênção “em honra daquela Divina Palavra que forma todo o nosso adorno”. Dizia, entre outras coisas, “para propagar de modo mais abrangente a importante oração para obter os bons operários evangélicos, eu me diriji aos Prelados da santa Igreja, bispos, arcebispos e cardeais, como àqueles aos quais interessa vivamente a missão dos bons evangélicos operários, e que têm a capacidade de poder valorizar a grande importância daquela Palavra Divina”.

Infelizmente a resposta não correspondeu à expectativa, conforme se percebe na conclusão da carta de agradecimento de 29 de junho seguinte: “Por tudo seja glorificado o santíssimo Coração do Divino Fundador da Santa Igreja, Nosso Senhor Jesus Cristo, e a nós todos resta a humilhação de não ter merecido que a soberana bondade do Beatíssimo Padre abençoasse em nós esta sagrada missão de propagar em todos os lugares a oração para obter os bons operários à santa Igreja”.

Pio X

Em 28 de janeiro de 1904, Santo Aníbal Maria Di Francia se dirigiu ao Cardeal Merry Del Val, Secretário de Estado do novo Pontífice, Pio X. Tendo havido um confronto positivo de sua parte sobre a questão da oração pelas vocações, pediu-lhe que intercedesse junto ao Santo Padre pela especial Rogação, para confirmar se era verdadeiramente uma missão evangélica antiga, mas também nova, oportuna e benéfica, ou uma mera ilusão sua. E também se “poderia Vossa Eminência veneradíssima acrescentar que o episcopado da Itália, em grande parte, e insignes cardeais da santa Igreja, superiores gerais de ordens religiosas, com cartas de encorajamento,

elogiaram esta propaganda, aceitaram uma sagrada aliança espiritual com os nossos mínimos Institutos, para os quais invocam singulares graças e bênçãos”.

A resposta do Secretário não se fez esperar muito:

“aderindo de boa vontade ao desejo que Vossa Senhoria me expressava na carta de 28 próximo passado, apressei-me em informar o novo Pontífice da Pia Associação de Sacerdotes que existe em Messina com o empenho de rezar a Deus para que conceda bons operários à Santa Igreja. Alegro-me, portanto, em lhe informar que Sua Santidade se agradou vivamente pela mercê que a supracitada associação encontrou junto a tantos membros da hierarquia eclesiástica, que decidiram desse modo fazer eco ao mandamento de Cristo: *Rogate Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam* [Mt 9,38; Lc 10,2]. Unindo, portanto, com verdadeira alegria a sua oração àquelas dos associados, Sua Santidade concede ao Senhor e a todos os associados a Bênção Apostólica”.

Na esperança de poder elevar a Pia União do nível diocesano ao universal, em 05 de outubro de 1904 escrevia ao papa outra carta sintética, mais detalhada, na qual acentuava os conceitos já expressos em outras circunstâncias. Mas recebeu apenas elogios e bênçãos.

Consciente de que, se continuasse sozinho a apresentar a iniciativa, dificilmente obteria uma concessão geral para toda a Igreja, decidiu tomar caminhos diferentes. Dado que não perdia ocasião para sensibilizar a hierarquia eclesiástica e os leigos, participou do XVI Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Roma de 1º a 05 de junho de 1905, como representante oficial do arcebispo de Messina, falando sobre a *Eucaristia e o Sacerdócio*. Fez a mesma coisa no Congresso Eucarístico de Catânia.

Padre Aníbal aproveitou a ocasião destes dois encontros para fazer uma proposta: apresentar uma petição da assembleia ao papa para que na Ladainha de Todos os Santos fosse inserida uma invocação implorante ao Senhor pelas vocações. A moção foi grandemente acolhida – houve unanimidade nos dois casos! –, mas depois ninguém agiu concretamente.

Obtida uma audiência privada com Pio X, em 11 de julho de 1909, pediu tal privilégio para os sacerdotes dos seus Institutos: “Vossa santidade queira benignamente conceder-nos que ao recitar a Ladainha de Todos os Santos nos nossos Institutos, que seja permitido aos sacerdotes dos nossos Institutos, depois da invocação: *Ut dominum apostolicum et omnes ecclesiasticas Ordines in sancta Religione conservare digneris*, acrescentar: *Ut dignos ac sanctos Operarios copiose in messem tuam mittere digneris, Te rogamus, exaudi nos*”.

O papa, durante a sessão, respondeu ao pedido com estas palavras: “Concedemos. Porém, somente nos Institutos dos quais fala a instância. Em 11 de julho de 1909. Pius PP. X”.

Em uma minuta de setembro de 1910, Padre Aníbal, depois de ter agradecido o papa por ter correspondido ao seu pedido, se fez porta-voz de alguns prelados e bispos, pedindo que a invocação pudesse ser introduzida na Ladainha de Todos os Santos. Não recebeu nenhuma resposta positiva. Isso, no entanto, não o desanimou. Preparou uma petição que fez traduzir para o latim e enviou para grande parte do episcopado italiano, bem como para várias partes do mundo e aos superiores gerais de ordens e congregações religiosas, junto com uma carta circular que continha a fórmula do pedido a ser endereçada ao papa. Esta, devidamente assinada, deveria ser reenviada a ele em Messina e ele encaminharia ao departamento competente.

Recolheu, assim, cerca de 800 adesões que fez chegar à Sagrada Congregação para os Ritos. Na época era Secretário o futuro Patriarca de Veneza, Cardeal Pietro La Fontaine

(1860-1935). Sobre o resultado desta iniciativa, escreveu o Padre Teodoro Tusino:

“Infelizmente as esperanças de Padre Aníbal foram frustradas. Não era questão de número, mas de mentalidade. Não se considerava oportuna a novidade. De fato, a Sagrada Congregação dos Ritos, em data de 20 de fevereiro de 1913, respondeu: *Dilata*. Isto significava dizer que o tema não havia sido tomado em consideração. Dom Canori, sobre a negativa, amenizava a resposta comunicando, da parte de Dom La Fontaine, que ‘o Senhor deseja que se reze e se obtenham futuras adesões’, e sublinhava estas palavras”.²⁴

Bento XV

Tal “desventura”, mais uma entre tantas, não desanimou Padre Aníbal. Em 11 de novembro de 1914 foi recebido em audiência pelo novo papa Bento XV. Este “se sensibilizou de uma missão tão importante quanto pequena, entre todas as Obras da santa Igreja, e a assumiu”, mas não obteve nada além disso.

Após um breve intervalo, provocado pelo triste acontecimento da Primeira Guerra Mundial, em 1º de dezembro de 1920, Santo Aníbal Maria Di Francia retornou ao seu propósito, dirigindo-se ao papa Bento XV sobre a difusão da *Pia União* e pedindo um *Breve Pontifício* para que a sede da associação seja em Messina:

“Os sócios admitidos sem pagamento algum e sem obrigação de consciência, que são agora cerca de 12 mil, assumem de coração invocar diariamente à Infinita Bondade para que se digne enviar à Santa Igreja sacerdotes e bons operários

²⁴ *Memórias biográficas*, IV, 122.

da mística messe, numerosos e santos. [...] Para que este espírito de oração, recomendada por Nosso Senhor Jesus Cristo, possa difundir-se sempre mais e propagar-se conforme se requer as atuais e graves necessidades da Santa Igreja e dos povos, o abaixo-assinado suplica a Caridade da Vossa Santidade para que conceda um *Breve* à citada *Pia União*, elevando a Sede de Messina como central, com a faculdade de agregar as outras sedes, para a participação dos bens espirituais”.

Era um modo para chamar a atenção sobre a oração pelas vocações. Porém, também desta vez não obteve nenhum resultado concreto.

Tentou mais uma vez em 26 de abril de 1921, lamentando junto ao próprio Pontífice a ausência da oração pelas vocações nos manuais, ainda que constasse aquela pela santificação do clero. Sugeriu se poderia fomentar uma maior tomada de consciência do povo cristão em se rezar pelas vocações.

Poucos dias depois, em 04 de maio, Padre Aníbal – acompanhado de dois sacerdotes Rogacionistas e duas religiosas Filhas do Divino Zelo – foi recebido em audiência privada pelo papa Bento XV. Padre Francesco Vitale, um dos presentes à audiência, registrou sobre o encontro: “O Santo Padre ficou muito satisfeito com o progresso da Rogação Evangélica e das Obras Antonianas, e quis inscrever-se como Sócio da Pia União do Rogate, aclamando-se com feliz, e para nós consoladora frase: *Eu sou o primeiro Rogacionista*”. Dez dias depois enviou um pergaminho autografado no qual exaltava e abençoava a Instituição.

Quando parecia que Santo Aníbal não conseguiria obter, de modo algum, a atenção que a oração merecia, uma notícia lhe acendeu a esperança. O Cardeal Prefeito da Congregação da *Propaganda Fide* conseguiu inserir nas Ladainhas Maiores a invocação para a conversão dos infiéis. Padre Aníbal se perguntava: “Mas como isso pode acontecer

se não se multiplica o número de missionários? E como estes vão se multiplicar se não se observa ardentemente aquilo que Jesus Cristo ordenou quando disse *Rogate ergo...?*”.

Pio XI

Em uma carta a Pio XI, em 06 de novembro de 1923, naturalmente, Padre Aníbal Maria Di Francia reiterou o seu pedido e em 02 de janeiro de 1924 se dirigiu ao Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, Cardeal Antonio Vico, solicitando de reconsiderar a inserção nas Ladainhas Maiores também da invocação pelas vocações, porque, fazia notar, “parece que estas duas invocações estejam estreitamente ligadas entre si, e uma atrai a outra”.

Padre Aníbal continuou a propaganda, recolheu novas adesões que encaminhou para Roma. Porém, era evidente que a questão não fazia parte dos desígnios de Deus. Esta foi a última tentativa empreendida por Santo Aníbal para conseguir que a oração pelas vocações fosse assumida como oração oficial da Igreja.

Qual operário zeloso procurou fazer por todos os meios que esta se tornasse uma “obra eclesial por excelência e suscitadora de frutos copiosos para a Igreja e para o mundo” (João Paulo II, 16/05/1997), mas não pode ver realizado este sonho que o fizera trabalhar incansavelmente durante 40 anos. Em 1º de junho de 1927, o Senhor o chamou a si.

Conclusão

Está escrito: “Um semeia e outro colhe” (Jo 4,37). Santo Aníbal Maria Di Francia, seguindo fielmente o mandamento do Senhor, semeou, deixando que o Senhor da messe dispusesse quando e como a semente devia dar o seu fruto. E o deu quando os tempos amadureceram “exatos” na ótica de Deus.

Toda a obra de Santo Aníbal poderia ser sintetizada nas palavras que pronunciou João Paulo II no dia em que o canonizou (16/05/2004):

“Se alguém me ama, observará a minha palavra (Jo 14,23). Nestas palavras evangélicas vemos delineado o perfil de Aníbal Maria Di Francia [...]; ele advertiu, sobretudo sobre a urgência de se colocar em prática o mandamento evangélico ‘Rogate ergo...’ Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie operários à sua messe! (Mt 9,38). Aos Rogacionistas e às Filhas do Divino Zelo confiou o compromisso de empenhar-se com todas as forças para que a oração pelas vocações fosse incessante e universal. Este mesmo convite Padre Aníbal Maria Di Francia dirige aos jovens do nosso tempo, sintetizando-o na sua habitual

exortação: *Enamorai-vos de Jesus Cristo*. Desta providencial intuição surgiu, na Igreja, um grande movimento de oração pelas vocações”.

De tal grande movimento nasceu a grande “Família do Rogate”, que compreende sacerdotes diocesanos associados, as Missionárias Rogacionistas (associação de leigas consagradas), a União de Oração pelas Vocações e a União Sacerdotal de Oração pelas Vocações, diversas associações laicais internacionais (Famílias Rog, LAVR, ERA, Ex-alunos) e numerosas outras associações e grupos locais.

Assim, Santo Aníbal se tornou “insigne apóstolo da oração pelas vocações”, exemplo para aqueles que rezam para obter as vocações para a Igreja.

BREVE CRONOLOGIA

5 Julho 1851

Aníbal Maria Di Francia nasce em Messina, Itália, terceiro de quatro filhos. No dia 7 de julho é batizado na igreja de S. Maria da Providência (Paróquia de São Lourenço).

1868

Com a idade de 17 anos obtém de seu confessor a permissão para receber diariamente a Eucaristia. No mesmo período, na igreja de S. João de Malta, em Messina, em oração diante do sacrário, intui a necessidade de rezar pelas vocações. Tem a que se pode definir “compreensão do Rogate”. Posteriormente, descobre no Evangelho (Mt. 9,38 e Lc. 10,2) o mandamento de Jesus: «Rogate ergo Dominum messis ut mittat operarios in messem suam».

Novembro 1869

Sente, de modo extraordinário, o chamado ao sacerdócio e escolhe como projeto de vida servir a Deus no próximo. Um dia irá declarar: «A minha vocação foi improvisa, irresistível, segura».

Dezembro 1877 – Janeiro 1878

O diácono Aníbal M. Di Francia encontra, em uma via de Messina, o mendigo Francisco Zancone, que vivia no famigerado “bairro Avinhão”. Daquele encontro providencial irá nascer todas as obras caritativas de Padre Aníbal.

16 Março 1878

Em Messina, na igreja do Espírito Santo, é ordenado sacerdote e começa o seu apostolado de regeneração humana, social e cristã entre os pobres das “Casas de Avinhão”.

1880

Compõe a primeira oração pelas vocações, já que não havia encontrado nenhuma nos textos devocionais. Esta oração era recitada, todos os dias, pelos pobres de Avinhão.

Setembro - Outubro 1881

Santo Aníbal, tendo comprado alguns barracos no Bairro Avinhão, instala as primeiras oficinas. Inicia a obra de educação da juventude, que se transformarão em escolas, institutos, cursos técnicos, centros de formação.

8 Setembro 1882

Santo Aníbal inaugura oficialmente o primeiro orfanato feminino no Bairro Avinhão.

4 Novembro 1883

Começa, no Bairro Avinhão, o primeiro orfanato masculino.

1 Julho 1886

Quinta feira, oitava de Corpus Christi. Com o consentimento do Arcebispo, Santo Aníbal torna sacramental a primeira capela do Bairro Avinhão, após dois anos de fervorosa espera

e intensa preparação. Um ano depois estabelece a memória perpétua do evento, dando origem, para seus institutos, aquela que até hoje se chama “Festa de Primeiro de Julho”.

19 Março 1887

Nasce a Congregação feminina com o ingresso ao Noviciado das primeiras quatro jovens. O emblema que as distingue é um coração, costurado sobre o hábito, com a inscrição: « Rogate Dominum messis ».

Outubro 1887

A senhora Susana Consiglio envia a Padre Aníbal a primeira oferta de 60 liras, cumprindo uma promessa feita a Santo Antonio, por ocasião da peste de cólera. Concretiza-se a providencial instituição do “Pão de Santo Antônio” para os órfãos das “Casas de Avinhão”.

16 Maio 1897

Nasce a Congregação masculina com a vestição dos primeiros três Irmãos coadjutores. Trazem, costurado na batina, o emblema que os distingue: um coração estampado com a inscrição: «Rogate ergo Dominum messis ut mittat operarios in messem suam».

22 Novembro 1897

Santo Aníbal institui a “Sagrada Aliança” para sensibilizar o clero sobre a necessidade de obedecer ao comando de Jesus “Rogate ergo Dominum messis, ...” e para encorajá-los a zelar e difundir a oração pelas vocações.

8 Dezembro 1900

Para difundir entre os fiéis a oração pelas vocações, Padre Aníbal institui a “Pia União da Rogação do Coração de Jesus”.

14 Setembro 1901

O Arcebispo de Messina, D. Letterio D’Arrigo, aprova os nomes definitivos das duas Congregações religiosas: os “Rogacionistas do Coração de Jesus” e as “Filhas do Divino Zelo do Coração de Jesus”.

28 Dezembro 1908

Ao amanhecer, em torno das 05h20min, um violento terremoto destrói a cidade de Messina. Forçado a procurar refúgio fora da cidade, inicia o desenvolvimento da obra em toda a Itália.

30 Julho 1926

A Congregação para os Religiosos envia a D. Ângelo Paino, Arcebispo de Messina, o “Nulla Osta” de reconhecimento canônico das duas Congregações religiosas.

1º Junho 1927

Às 06h30min, Padre Aníbal morre serenamente, assistido por Pe. Francisco Vitale e outros religiosos rogacionistas.

7 outubro 1990

O Papa João Paulo Paolo II o proclama Bem-aventurado.

16 maio 2004

O Papa João Paulo II proclama Padre Aníbal santo.

Bibliografia

AAS = Acta Apostolicae Sedis. Arquivo da Postulação dos Rogacionistas, Roma.

Antologia Rogacionista dos escritos do Padre Fundador, para os Rogacionistas do Coração de Jesus e as Filhas do Divino Zelo, ad usum privatum - pro manuscripto, Officine Grafiche Erredici, Padova 1961.

Celebrações da Segunda Jornada Nacional pelas Vocações na Itália, Pontifícia Obra para as Vocações, in *Seminarium* 15, 2 (1963), 305-308.

(Di Francia A. M.), *Discursos, panegíricos, elogio fúnebre, discursos de ocasião*, Scuola Tip. Ant. « Cristo Re », Messina 1940.

Di Francia A.M., *Pia memória por ocasião do Congresso Eucarístico ocorrido em Roma em junho de 1905*, Premiata Scuola Tipografica Salesiana, Roma 1905.

Discursos, mensagens, colóquios do Santo Padre Giovanni XXIII, I-VI, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1961-1967.

Dompieri G., *Jornadas diocesanas e paroquiais, Experiências sobre vocações eclesíásticas*, *Primeiro Congresso Nacional italiano*, in *Seminarium* 12, 2 (1961), 275-280.

Dompieri G., *Jornadas sacerdotais, pelas vocações, pelo Seminário, Experiências sobre as vocações eclesíásticas*, in *Seminarium* 12, 1 (1961), 96-102.

Foti G., *Storia, Arte e Tradição nas igrejas de Messina*, Messina 1983.

Guthbert J., *Rogate e Liturgia*, in *Rogai ao Senhor da Messe. Ensaio sobre o Rogate*, (Quaderni di «Studi Rogazionisti» 2), Roma 1996, 95-125.

Liturgia das horas. Proprio dos Rogacionistas e das Filhas do Divino Zelo, Roma 2008.

Mensagens pontificias para a Jornada Mundial de Oração pelas Vocações, (Congregazione per l'Educazione Cattolica. Pontificia Opera per le vocazioni ecclesiastiche), Roma Editrice Rogate, 1993.

Pignatelli R., *As vocações: a sua paixão*, (Padre Annibale, oggi n.s. 9), Roma 2003

Positio super Scriptis, Roma 1959.

Positio super virtutibus Canonizationis Servi Dei Hannibalis Mariae Di Francia, I-II, Roma 1988.

Preciosas adesões de Exelentísimos Bispos e Arcebispos e de Eminentísimos Cardeais... ao Instituto da Rogação Evangélica e àquele das Filhas do Divino Zelo, Tip. del Sacro Cuore, Messina 1901, 1919.

Prières pour obtenir à la Sainte Église de bons Ouvriers Evangéliques, selon le commandement du Maître: Rogate ergo Dominum messis, ut mittat operarios in messem suam, Amiens, G. Langlois Editeur, 1900.

Santoro S. D., *Breve perfil histórico da Congregação dos Rogacionistas*, Roma 1985.

Escritos do Servo de Deus Aníbal Maria Di Francia, vol. 1-62 (presentati alla Congregazione delle Cause dei Santi ed esaminati dai Teologi Censori).

Tusino T., *A alma do Padre. Testemunhos*, Roma 1973.

Tusino T., *Memórias biográficas*, I-IV, Roma 1995-2001.

Vitale = Vitale F., *O Cônego Aníbal Maria Di Francia na vida e nas obras*, Messina, Scuola Tipografica Antoniana, 1939.

Índice

Introdução	3
1. O Dia Mundial de Oração pelas Vocações.....	6
2. Importância de Santo Aníbal Maria Di Francia	9
3. Uma inspiração irresistível	11
4. Zelo ou fixação?	14
5. A realização	16
a. A ideia-recurso.....	17
b. A <i>Sagrada Aliança</i>	18
c. A <i>Pia União da Rogação Evangélica</i>	19
6. Os “operários da messe”	21
7. Os pedidos aos papas	23
a. Leão XIII.....	23
b. Pio X	24
c. Bento XV	27
d. Pio XI.....	29
Conclusão.....	30
Breve Cronologia.....	32
<i>Bibliografia</i>	36

